

Juventudes e suas histórias no Brasil e na América Latina, apresentação

Thiago Reisdorfer¹
Eduardo Silveira Netto Nunes²

As juventudes e suas histórias na América Latina, como outros temas negligenciados pela historiografia, têm recebido, crescentemente, a atenção de pesquisadores e pesquisadoras que passam a compreender que a historicidade dos sujeitos também está relacionada com as construções que as sociedades realizam a respeito dos diferentes “lugares” ocupados e experimentados individual e coletivamente. As juventudes nem sempre foram as mesmas, nem sempre foram tratadas do mesmo modo, as sociedades lidam e lidaram de inúmeras formas com aqueles e aquelas consideradas jovens. Jovem não é uma “natureza” etária, mas uma fabricação sócio-histórica-cultural que necessita ser problematizada, compreendida, descortinada, decifrada.

Os artigos que constituem o dossiê “Juventudes e suas Histórias na América Latina: Sociabilidades, Experiências e Resistências”, apresentam esforços de pesquisas, pesquisadores e pesquisadoras que problematizam as juventudes em diferentes momentos, contextos e territórios, desde o Brasil à América Latina. Contribuindo com o aprofundamento e a complexificação da produção acadêmica e historiográfica dialogando com experiências juvenis urbanas e rurais, no âmbito do trabalho, da cultura, da política, e outras múltiplas formas e expressões de resistência, bem como, sociabilidades que atravessam e são atravessadas por esse conjunto de experiências às quais se agregam os contextos escolares, universitários e no âmbito do ensino de história.

O reconhecimento das juventudes como sujeitos da história e de sua historicidade, qual seja, forjadas nas tramas e nos entrelaçamentos das sociedades ao longo dos tempos, guarda certa sintonia com a afirmação/construção de sua especificidade no mundo contemporâneo, a dizer a aprovação do Estatuto da Juventude, de 2013 (BRASIL) e de normas internacionais tratando de diferentes aspectos da juventude. Mas isso coloca também

¹ Professor Doutor da Universidade Estadual do Piauí, do Mestrado Profissional em Ensino de História (UESPI/Parnaíba). Coordenador do Grupo de Trabalho de História da Infância e da Juventude, da Associação Nacional de História, Seção Piauí. Contato: thiagoreisdorfer@ors.uespi.br

² Professor Doutor da Universidade Federal do Acre, do Mestrado Profissional em Ensino de História (UFAC) e do Mestrado em Educação (UFAC). Pesquisador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da UFAC. Coordenador do Grupo de Trabalho de História da Infância e da Juventude, da Associação Nacional de História, Seção São Paulo. Membro da Red de Estudios de Historia de las Infancias en America Latina – REHIAL. Contato: edunettonunes@gmail.com

desafios, como descortinar e compreender as diferentes juventudes, a construção dos significados aos jovens e os protagonismos dos sujeitos jovens, através das sociedades e temporalidades. Os trabalhos compilados nas páginas seguintes colaboram para ampliar a compreensão desses processos envolvendo a historicidade, o protagonismo e a construção de experiências das e sobre as juventudes. Abrimos o dossiê temático com o artigo: “Ô soooooor..., qual é a senha do Wi-fi?”. Cartografia de algumas tensões e construções relacionadas ao devir digital na E.M.E.F” de autoria de *Gustavo Herscovitz*.

Fazer-se das juventudes e a construção de representações sobre suas experiências são outras dimensões que a problematização das histórias das juventudes acabam por viabilizar e, nas páginas a seguir conseguimos acessar exemplos de pesquisas que procuram expressar essas variáveis, são elas a “Emergência Mapuche no Chile pós-ditadura: o surgimento das propostas de autonomia”, de Caroline Faria Gomes; a “Juventude e catolicismo contemporâneo na cidade de Maringá-PR: O Hallel de 1995-2019”, de Vanda Fortuna Serafim e Mariane Rosa Emerenciano da Silva; “Discutindo memórias de infâncias no processo de urbanização, Maringá 1960 - 1990”, de Ailton José Morelli; “No mundo da cana-de-açúcar com o lápis na mão: Trajetórias escolares na Usina de Açúcar Bom Jesus (Cabo de Santo Agostinho/PE – 1990)”, de Anderson Silva.

Textos como “Narrativas estudantis de universitários da modalidade de ensino a distância de Oeiras/PI (2009-2021)”, de Thiago Reisdorfer e Carlos Daniel Alves Leal, “Infâncias institucionalizadas e socioeducação no sertão de Pernambuco: entrelaçando olhares e construindo novos diálogos, para além das grades: o que precisa saber um professor de história na socioeducação?”, de Jevivam Conceição e Rodrigo Teófilo da Silva Santos, descortinam como diferentes formas de realizar o processo educativo, seja no ensino regular, seja na socioeducação, acaba por explicitar complexas experiências juvenis, das juventudes e das instituições e agentes envolvidos nessas relações.

As juventudes como relações que são construídas e estabelecidas nas sociedades, acabam por condensar expectativas e idealizações que procuram classificar, organizar, controlar, criar parâmetros para que se delineie quem são, como vivem, o que deve fazer aqueles e aquelas que se reconhecem e são reconhecidos como jovens e vivendo a juventude. Os artigos abaixo acabam por permitir compreender essas variáveis em diferentes contextos: “Juventude na América Latina: educação, transformação, revolução em José Ingenieros”, de Eduardo Silveira Netto Nunes; “Progressista na política e conservadora nos costumes: a experiência jornalística juvenil em Parnaíba-PI (1977-1988)”, de Sérgio Luiz da Silva Mendes

e Cláudia Cristina da Silva Fontineles; e “Representações de juventude em Vida Juvenil (1949-1959)”, de Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza.

Pesquisas tangenciando as relações das instituições que pretendem regular e normatizar subjetividades juvenis, qual seja instituições “totais” como “asilos”, “casa de correção”, juizados das infâncias e juventudes (antigamente Juízos de Menores), são analisados nos artigos “Los menores, los “delitos y las prácticas de minorización en Uruguay (1911-1934): Las experiencias de Cándido, Guillermo y Feliciano”, de Facundo Álvarez Constantín, “A Violência Sexual na voz dos Conselheiros Tutelares: funções e concepções”, de Aparecido Renan Vicente e Andreza Marques de Castro Leão, e “O “problema da infância” na Primeira República: uma análise da gestão infanto-juvenil no alvorecer do século XX”, Livia Freitas Pinto Silva Soares. Por fim, temos o artigo “Relações entre a utilidade do conhecimento histórico e posicionamento de jovens estudantes brasileiros acerca dos governos militares: uma análise quantitativa, a partir dos dados do ‘Projeto Residente’”, de autoria de Rubia Caroline Janz, como texto final do dossiê temático.

Compõem a edição, ainda, textos livres com temáticas que acrescentam reflexões para a historiografia, como “O ‘velho monge’ e suas rotas: o rio parnaíba e a navegação a vapor no Piauí oitocentista”, de Andreia Rodrigues de Andrade, e “Na luta por direitos: representação e disputas políticas no Sindicato dos Metalúrgicos do Amazonas em 1984”, de Vanessa Cristina da Silva Sampaio

Com essas contribuições, o dossiê “Juventudes e suas Histórias na América Latina: Sociabilidades, Experiências e Resistências”, da Revista “Vozes, Pretérito & Devir” da UESPI, sem dúvida, se soma a outros esforços como o do Grupo de Trabalho de História da Infância e da Juventude, da Associação Nacional de História, Seção São Paulo, e da Red de Estudios de Historia de las Infancias en America Latina – REHIAL, nos estudos da Juventudes no Brasil e na América Latina.

Boa leitura.

28 de agosto de 2023